

Sobre *Estrela Vermelha*

Pedro Ramos de Toledo

Entre os revolucionários russos da velha guarda bolchevique do começo do século XX, Aleksandr Bogdánov foi talvez o mais profícuo de seus teóricos, com uma obra que exerceu grande influência em vários campos do conhecimento. Seu romance *Estrela vermelha*, publicado em 1908, em meio a um debate filosófico com Lênin, abre uma janela para que se observem tanto os sonhos e as aspirações de um intelectual radical quanto seu exercício de demonstrar, na forma literária, a aplicação de suas teorias.

Na obra, o jovem revolucionário Leonid, em meio às barricadas e greves que sacudiam a Rússia dos tsares em 1905, é convidado por seu camarada Menny a conhecer uma sociedade secreta de cientistas. Menny então se revela como um marciano, cuja missão é escolher um emissário terráqueo para viver em Marte. Transportado ao planeta vermelho, Leonid vivencia o convívio em uma sociedade que passara, três séculos antes, por uma revolução socialista, decorrente da catástrofe ambiental que havia levado o planeta à desertificação. O que se seguiu à revolução foi a construção, pelos esforços da classe trabalhadora, de uma sociedade igualitária, regulada por complexos sistemas de equilíbrio. Ali, Leonid registra as maravilhas do comunismo e descobre um terrível segredo que pode selar o destino dos povos da Terra e de Marte.

A Boitempo agora apresenta, em tradução inédita no Brasil, esta obra que influenciou uma geração inteira de revolucionários. *Estrela vermelha* aponta para outro mundo possível, onde “até mesmo a natureza é socialista”.

Boa viagem, camarada!

Bogdánov, Aleksandr, 1873-1928

Estrela vermelha [recurso eletrônico] : uma utopia / Aleksandr Bogdánov ; tradução, prefácio e notas Paula Vaz de Almeida, Ekaterina Vólkova Américo. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

recurso digital

Tradução de: К р а с н а я з в е з д а

Formato: epub

Tradução de: Ideology : an introduction

Requisitos do sistema: adobe digital edition

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7559-761-3 (recurso eletrônico)

1. Romance russo. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Paula Vaz de. II. Américo, Ekaterina Vólkova. III. Título. IV. Série.

20-63511

CDD: 891.73
CDU: 82-31(470)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: julho de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br

www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo

www.youtube.com/tvboitempo

SUMÁRIO

Prefácio – A utopia de Aleksandr Bogdánov: um antídoto a nosso tempo – Paula Vaz de Almeida e Ekaterina Vólkova Américo

ESTRELA VERMELHA

Do doutor Werner ao literato Mírski

O manuscrito de Leonid

Parte I

1. O rompimento
2. O convite
3. A noite
4. A explicação
5. A partida
6. A eteronave
7. As pessoas
8. A aproximação
9. O passado
10. A chegada

Parte II

1. Na casa de Menny
2. Na fábrica
3. A Casa das Crianças
4. Museu de Arte
5. No hospital
6. O trabalho e os fantasmas

7. Netty

Parte III

1. A felicidade
2. A separação
3. A fábrica de roupas
4. Enno
5. Na casa de Nella
6. Em busca
7. Sterny
8. Netty
9. Menny
10. O assassinato

Parte IV

1. Com Werner
2. Verdadeiro ou falso?
3. A vida da pátria
4. O envelope
5. O balanço

Da carta do doutor Werner ao literato Mírski

A meu camarada.

O autor



Górki, ao fundo, assiste a partida de xadrez entre Bogdánov (à esquerda) e Lênin, em Capri, 1908. Foto de Iúri Jeliábujski.

PREFÁCIO – A UTOPIA DE ALEKSANDR BOGDÁNOV: UM ANTÍDOTO A NOSSO TEMPO

*Paula Vaz de Almeida e
Ekaterina Vólkova Américo*

– Esta é a cor da nossa bandeira socialista – eu disse. – Então, devo me acostumar com a natureza socialista de vocês.^[1]

Aleksander Bogdánov, Estrela vermelha

Chegamos a um ponto da história humana, neste século que já caminha para a terceira década, em que as utopias parecem ter perdido seu lugar. Basta ver o número de criações artísticas que versam sobre nosso fim: são livros, filmes, séries televisivas, peças de teatro etc. que ganharam fama em um gênero denominado “distopia” (ou “antiutopia”). É possível que um suposto *marciano*, se olhasse hoje a Terra, perguntasse o que os *terráqueos* estão querendo dizer de si próprios com tal produção cultural. Parece que passamos a acreditar mais na extinção de nossa espécie que na transformação radical da organização da vida na Terra; ou, ainda, no abandono de nosso mundo, como sugerem projetos de escapismo extraterreno de colonização de outros planetas, especialmente Marte. A facilidade – e, por vezes, até o entusiasmo – com que se aceitam as narrativas de fim do mundo é diretamente proporcional ao ceticismo com que se rejeitam as ideias de um mundo igualitário e justo.

No momento em que escrevemos este prefácio, nosso planeta passa por uma pandemia cujo número de vítimas já atinge a casa dos milhares, além de uma crise orgânica que se aprofunda gradativamente. O individualismo já radical de nosso tempo tem se radicalizado ainda mais, favorecendo fobias, aguçando ansiedades, conduzindo ao isolamento social coercitivo e voluntário; mas há também exemplos de solidariedade, auto-organização e gritos de esperança nas janelas, como aquela flor desbotada que rompe o asfalto. Enquanto algumas trombetas soam o apocalipse e cenas distópicas surgem como interferências na realidade prática imediata, os mais preocupados com suas perdas financeiras não sentem constrangimento ao afirmar que a pandemia pode representar um benefício em longo prazo, pois livrará o mundo de pessoas supérfluas, em especial, pobres, fracos e idosos; tampouco se constrangem ao anunciar medidas que consistem, simplesmente, em deixar morrer os de idade mais avançada. De repente, surge um debate em que se opõe a economia à vida humana, como se uma pudesse existir sem a outra, e como se, por “economia”, os parasitas de nosso tempo não quisessem dizer a proteção dos próprios lucros, de seu acúmulo de capital.

É evidente que se o capitalismo continuar nessa toada, os cenários, os estados e os saldos de guerra serão cada vez mais cotidianos, até se tornarem a norma. Também é verdade que, tal como são usadas hoje, as tecnologias digitais podem representar uma forma de controle em massa, com efeitos nefastos. E, de fato, enquanto a humanidade estiver sujeita à irracionalidade do lucro, à lógica de uma minoria que expropria até os sonhos dos demais, não faltarão motivações para ela imaginar e representar o próprio fim, já que é a isso que o *modus operandi* do capitalismo conduz. Hoje, o rio de aço do tráfego, os bondes, os ônibus e mesmo os negócios à revelia ameaçam paralisar-se. O temor da burguesia de que na rua nasça uma flor, nutrida pelas revoltas e pelos exemplos de auto-organização em rede surgidos em todas as partes do planeta, estampa-se nos jornais. Assim, se há razões para pensar no triunfo da

barbárie sobre a face da Terra, também há diversos motivos para acreditar (e lutar) por uma saída coletiva.

Por tudo isso, dizemos que *Estrela vermelha* é um antídoto a nosso tempo, uma época de crises, guerras e revoluções; na leitura deste romance, vemos emergir outro mundo possível.

Em sua utopia, Bogdánov nos conduz em viagem pelo universo infinito até aterrissarmos em Marte, onde não há Estado, a organização socioeconômica é baseada na propriedade coletiva dos meios de produção, as decisões são tomadas por conselhos deliberativos no formato de assembleias e as relações humanas se desenvolvem de maneira distinta da nossa. A jornada no planeta vermelho é contada pelo narrador e personagem principal, um revolucionário russo já experimentado quando se passa a ação, provavelmente a segunda década do século XX. Leonid, seu nome terráqueo, ou Lenny, a alcunha marciana, é um intelectual social-democrata que escreve a seus camaradas um informe detalhado da tarefa intergaláctica para a qual havia sido selecionado: servir de elo entre dois mundos, entre duas humanidades. O interessante documento vem à luz por meio de dr. Werner, médico psiquiatra a quem o protagonista havia confiado seu manuscrito.

Há quem diga que o romance de Bogdánov é a última utopia da literatura russa. Antes dele, há *Viagem para a Terra de Ofir* (1783)^[2], alguns capítulos de *Viagem de Petersburgo a Moscou* (1790), de Aleksandr Rassíschev, em que a visão utópica está diretamente relacionada à abolição da servidão, prometida, porém não cumprida, pela imperatriz Catarina II^[3], e *4338*, romance fantástico que o príncipe Vladímir Odóievski começou a publicar em fragmentos em 1835^[4]. Depois dele, diz-se que se instaurou o reino da distopia. Para citar apenas alguns títulos: *Nós*, de Evguiéni Zamiátin, escrito de 1921 a 1922 e publicado pela primeira vez em 1924, *Ovos fatais* e *Um coração de cachorro*, ambos de Mikhail Bulgákov, o primeiro de 1924 e o segundo de 1925, alguns romances de Andrei Platónov, *Moscou-Petuchki* (1973), de Venedikt

Erofiéev, e, um exemplo mais recente, *Kys*, de Tatiana Tolstáia, que retrata uma Moscou pós-apocalíptica.

Bogdánov escreve seu *Estrela vermelha* no início do século XX, e a primeira edição, a qual usamos de base para a tradução^[5], saiu em 1908. A virada do século XIX para o século XX na Rússia se deu acompanhada de muitas transformações. Com a morte de Alexandre III, ascende ao trono Nicolau II e, naquele momento, havia uma classe social urbana emergente, criada pelo processo de modernização e industrialização do período anterior: o proletariado, submetido a desumanas condições de trabalho. Outro efeito desse processo foi a renovação cultural por que passou o país, com o movimento simbolista trazendo de volta a poesia ao centro da cena literária. Seria esta mesma poesia a explodir de vez, ainda na primeira década do século seguinte, com as famosas vanguardas russas. Não são obra do acaso as descrições futuristas e o culto à máquina e ao futuro que aparecem ao longo de toda a narrativa de Bogdánov, bem como as críticas indiretas à arte moderna feitas pelo narrador, por exemplo, em sua visita ao museu de arte marciano. Devido, em parte, a esse novo estado de coisas e, em parte, à radicalização do movimento *narodnista* (ou populista, como também é conhecido)^[6] – que acaba por consumir quase toda a atenção da polícia repressiva do regime –, as ideias socialistas e, em especial, as marxistas começam a se difundir com relativa liberdade entre a *intelligentsia* e os trabalhadores do Império Russo. Seriam justamente essas ideias a ponta de lança das revoltas de 1905 e, posteriormente, das revoluções de 1917.

A trama de *Estrela vermelha* suscita diversas comparações tanto com a vida do próprio autor quanto com o momento que vivia o Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) naquela virada de século: a companheira terráquea de Leonid, Anna Nikoláievna, pertencia à ala moderada do partido, e o rompimento do casal, que acontece já nas primeiras páginas do romance, embora consequência direta da inusitada tarefa de Leonid, expressa uma divergência política mais profunda. Em 1903, durante o II Congresso do POSDR (Bruxelas-Londres), ocorre a

cisão do partido entre bolcheviques e mencheviques, e Bogdánov – assim como acontecera na ficção ao protagonista do romance – toma naquele momento o lado de Vladímir Lênin.

A história das relações entre os dois revolucionários é tão interessante e tortuosa quanto é exemplar dos debates no interior do movimento revolucionário russo daquele período. O autor de *Estrela vermelha* era um “velho marxista”. No início de sua atuação política, Bogdánov ligara-se ao Naródnaia Vólia – motivo pelo qual é expulso da Universidade de Moscou em 1884. Como era comum a jovens radicais da *intelligentsia* russa e ao movimento dos *naródniki*, aproximou-se das ideias marxistas e ingressou nos círculos operários, nos quais dedicava-se ao ensino de economia política. Como resultado desse trabalho, publicou, em 1897, seu *Breve curso de ciência econômica*, em que explica de modo simples e compreensível os principais conceitos da economia política. Sua didática era conhecida e foi ironizada, a ponto de a expressão “explicou como Bogdánov”, em tom de elogio ou de crítica, entrar para o léxico russo daquele tempo.

Do POSDR, Bogdánov participou desde a fundação; foi vice-líder da fração bolchevique, construindo e dirigindo o partido, de cujo Comitê Central fez parte, ao lado de Lênin. Durante a Revolução de 1905, foi o dirigente bolchevique junto ao Soviete de São Petersburgo. Apenas em 1909 romperia com o partido e com Lênin, que criticava seu “idealismo filosófico”. As divergências, todavia, teriam se iniciado ainda em 1906, quando Bogdánov publicara sua obra filosófica fundamental *Empiriomonismo*, duramente criticada por Lênin e Plekhánov sob a acusação de revisionismo e idealismo subjetivo – ainda que a razão central da ruptura tenha sido quanto à estratégia e às táticas revolucionárias. Dois anos mais tarde, em 1908, durante uma visita a Maksim Górkii em Capri, Lênin e Bogdánov se encontraram: entre partidas de xadrez e conversas amenas, em contraste com o clima amigável registrado pela máquina fotográfica de Iúri Jeliábujski^[7], travaram-se debates que contribuíram para o rompimento entre os dois.

Nessa época, Bogdánov encontrava-se em exílio – havia sido expulso da Rússia por atividades subversivas –, retornando apenas em 1914, beneficiado pela anistia do tsar, que visava reunir combatentes para a Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, ele atuou no *front*, como médico. Qualquer semelhança com o dr. Werner, amigo, psiquiatra e confidente de Leonid, como poderá conferir o leitor, não é, evidentemente, mera coincidência.

De volta ao país natal, Bogdánov pôde assistir aos acontecimentos de 1917, os quais, pedimos licença para adiantar, também previu em seu romance. Depois da vitória bolchevique, foi um dos idealizadores e ideólogos do movimento literário Proletkult, que se baseava na definição de “cultura proletária” (“*proletárskaia kultura*”, em russo, expressão da qual deriva o acrônimo) formulada por Anatóli Lunatchárski, velho conhecido dos tempos de POSDR e futuro Comissário do Povo da Educação da Federação Russa. Os dois se tornaram amigos ainda em 1899, quando nosso autor mantinha em Kaluga um círculo de exilados políticos. Entre 1918 e 1921, lecionou economia política na Universidade de Moscou e foi membro da direção da Academia Comunista. Em 1923, foi preso sob a acusação de participar do grupo em torno do *Rabótchaia Pravda* [*Verdade Trabalhista*] – naquele momento a ala esquerda do partido, que inclusive promovia greves –, mas logo foi solto. Anos mais tarde, organizou e presidiu o primeiro instituto de transfusão de sangue do mundo, em 1926: uma experiência que objetivava prolongar a vida por meio da transfusão do sangue de indivíduos mais jovens. Esta era a principal obsessão do escritor, e foi uma autotransfusão de sangue malsucedida a causa de sua morte.

Assim como na realidade, também na ficção, como é comum aos escritores, Bogdánov usava a si mesmo como objeto de seus experimentos científicos. O leitor poderá encontrar diversos episódios marcantes de sua biografia nas páginas de sua obra. Talvez o mais exemplar seja o encontro, no limiar dos séculos, com o filósofo político e religioso Nikolai Berdiáev, que se tornaria famoso e cuja narração em

Autoconhecimento: ensaio de uma autobiografia filosófica coincide de maneira quase literal com a descrição das relações entre Leonid, recém-chegado de Marte, e o dr. Werner, já na parte final do romance.

Curiosas eram minhas relações com A. Bogdánov. [...] Bogdánov era uma pessoa muito boa, muito sincera e fielmente devota à ideia. Naquela época, eu já era considerado um “idealista”, imbuído de buscas metafísicas. Para A. Bogdánov, isso era um fenômeno completamente anormal. Originalmente, ele se especializou em psiquiatria. No início, costumava me visitar. Percebi que me fazia sistematicamente perguntas estranhas: como havia me sentido pela manhã, como estava o sono, qual seria minha reação a isso ou aquilo e coisas do gênero. Acontece que ele considerava a propensão ao idealismo e à metafísica um sinal de um transtorno mental inicial e queria determinar o quão longe isso teria ido no meu caso.^[8]

Berdiáev e Bogdánov representavam, respectivamente, duas correntes filosófico-político-religiosas que marcaram a vida intelectual russa no limiar dos séculos: *bogoiskátelsto* (a busca de Deus) e *bogostroítelstvo* (a construção de Deus). Inicialmente muito próximas, ambas tratavam de questões existenciais semelhantes àquelas levantadas pela literatura russa clássica, principalmente nas obras de Lev Tolstói e Fiódor Dostoiévski. Entre os problemas discutidos, destacava-se a possibilidade de aproximar o marxismo e a religião. A primeira corrente se afastava cada vez mais do marxismo em direção à religião, enquanto a segunda, da qual faziam parte, entre outros, Bogdánov, Lunatchárski e Górkí, buscava o divino no esforço coletivo, uma espécie de religião sem Deus. Evidentemente, o elemento religioso, que na falta de Deus ameaça sacralizar o próprio homem, foi duramente criticado por marxistas menos ecléticos como Plekhánov e Lênin; do mesmo modo, não é à toa que Górkí tenha se tornado ideólogo do realismo socialista instituído por Ióssif Stálin, em uma era na qual, por meio de uma série de deturpações, a deificação do líder político ganhou forma e encarnou na realidade.

A abordagem de temas em *Estrela vermelha* é tão ampla e multifacetada quanto a formação e a atuação de seu autor. Dele, pode-se

dizer que não foi propriamente um escritor de literatura. Foi, antes, um publicista, à moda de Tchernychévski. Seu fazer literário não primava pelo elemento estético-artístico, mas privilegiava o procedimento segundo o qual o autor, valendo-se dos recursos característicos da prosa de ficção, especialmente o romance, gênero popularizado no século XIX, visa propagar um ideal político-ideológico.

A multiplicidade feérica de interesses e ocupações de Bogdánov impressiona: como vimos, foi revolucionário e um dos fundadores do POSDR, além de político, cientista, pesquisador, psiquiatra, filósofo, médico de combate – áreas e experiências tomadas de empréstimo a serviço da obra pelo escritor. É como se o engenheiro da trama, dono da imaginação de um inventor, submetesse a pena do escritor de ficção e a tribuna do político ao rigor metodológico do cientista. Afirmar, dessa maneira, que Aleksandr Bogdánov “não foi propriamente um escritor de literatura” não significa que ele tenha sido um “escritor menor”. Com efeito, pretendemos jogar luz, por um lado, na tradição a que se filiava nosso surpreendente autor, e, por outro, na maneira por meio da qual ele mobiliza, na tessitura do romance e na composição das personagens, o arsenal das ferramentas que sua formação polivalente e a riqueza de sua atuação, em especial como intelectual revolucionário, permitiu-lhe reunir.

São muitas as passagens em que emerge o filósofo, outras tantas em que sobressai o psiquiatra e o cientista social. Como um investigador da vida humana em sentido amplo, o autor empresta a própria psique, a interioridade (ou, se quisermos, a alma, o espírito), além da experiência e do conhecimento acumulados, às suas personagens, a fim de investigá-las, dissecá-las, encontrar os elementos que engendram, naquilo que temos de mais primordial e comum, cada uma das humanidades representadas – já não mais a da Terra e a de Marte, mas os seres humanos vivendo nos distintos sistemas: o capitalista e o socialista. Nesse ponto, parece exemplar um trecho sobre a transfusão de sangue na medicina tal como praticada em Marte, a qual, em última instância,

representa uma transfusão interestelar, interplanetária, entre as humanidades.

– [...]. A transfusão de sangue praticada na medicina de vocês – agora, muito raramente – possui um certo caráter filantrópico: aquele que tem muito dá a outro que tem uma necessidade aguda, em decorrência de, por exemplo, o sangramento grande de uma ferida. Isso também acontece aqui, é claro; mas sempre praticamos algo diferente, aquilo que corresponde a toda nossa organização: *uma troca de vida camarada não só na existência ideológica, mas também fisiológica.*^[9]

A todo momento o narrador deste inusitado romance (até agora, inédito em língua portuguesa) nos faz imaginar outro mundo possível. Seus conhecimentos de física e matemática, bem como das áreas de astronomia, geologia, biologia e geografia são ferramentas fundamentais para a construção e a manutenção da verossimilhança na obra. Há uma explicação científica para cada coisa: por que os marcianos têm olhos enormes; por que as plantas em Marte são vermelhas e na Terra elas são verdes; por que e como as *eteronaves* podem voar pelo espaço infinito. No romance, vemos descritos com rigor não apenas os achados da época, como o da matéria radioativa por Marie Curie, mas outras tantas invenções com as quais a ciência, quando muito, ainda sonhava, como viagens espaciais, motores à reação, uso da energia nuclear, televisões estereoscópicas, computadores, automatização da produção, tecidos sintéticos e transfusões de sangue.

É interessante notar que, na narrativa, esses elementos cumprem a função denexo entre os fatos representados, por mais fantásticos ou imaginativos que possam parecer, e asseguram a harmonia geral, a coerência interna da obra. *Estrela vermelha* é, assim, além de uma utopia, um romance de ficção científica. Ocorre que, nesta obra, o autor projeta o futuro por meio de um método científico, ou seja, do materialismo dialético baseado na destruição das antigas relações humanas para a construção de uma nova, já não de maneira idealizada, mas com base em fatores concretos, apontando não só para uma sociedade possível, mas

precisamente para aquela pela qual lutam os comunistas, conforme preconizado por Karl Marx e Friedrich Engels.

O aspecto didático e de fácil compreensão com que o autor expõe os temas científicos aparece também na representação do socialismo em Marte, em sua organização econômica e social, na distribuição da força de trabalho, na divisão da produção, além de em como se dão os relacionamentos erótico-amorosos e de amizade, pautados no sentimento de camaradagem naquela humanidade – a qual, pela mesma razão que para Leonid, nos é tão estranha quanto próxima – e nesta Terra capitalista, em dois momentos distintos: no da escrita do romance, ou seja, apenas três anos após os eventos de 1905, e num futuro próximo, em que na Rússia triunfaria a revolução socialista.

É interessante também o fato de que *Estrela vermelha*, um romance de ficção científica utópico e uma peça de publicística de cunho político-ideológico, como ora observamos, contenha duas cartas – que servem de prólogo e epílogo a um informe político –, gênero textual não literário e de circulação interna nos partidos. É a marca do militante na própria estrutura do romance, que é ainda um panfleto comunista, um manifesto e um guia.

O modo de representação do real escolhido por Bogdánov configura um rompimento com a utopia tradicional: se, nesta última, o recurso mais amplamente utilizado é o método descritivo e as sociedades são representadas de maneira estática, muitas vezes isoladas no tempo-espaço, em *Estrela vermelha*, tanto o planeta Marte de Lenny quanto a Terra de Leonid são representados de maneira dinâmica, com bastantes trechos descritivos, mas também com narração e diálogos, solilóquios e até mesmo fluxos de consciência à personagens de Dostoiévski – doentios, febris e, no limite, reveladores das contradições humanas, mas capazes de apontar um caminho para sua superação, já não religioso, como o daquele autor, mas por meio da autoconsciência de sua condição.

Há outra inovação promovida por Aleksandr Bogdánov no que se refere a exploração e renovação do gênero da utopia, que, tradicionalmente, possui um caráter filosófico, quase desprovido de ação. Em vez disso, o autor insere traços romanescos, como peripécias, aventuras, reviravoltas, entrecos amorosos etc., característicos do realismo e do naturalismo do século anterior, enquanto se apropria das descobertas de outro gênero, o da ficção científica, incremento trazido pelos avanços tecnológicos e pela industrialização. O surgimento da distopia como gênero também data do mesmo período e igualmente promove uma apropriação da ficção científica e do método realista de narração. A diferença está nos mundos para os quais cada gênero aponta: enquanto utopias como *Estrela vermelha* propõem uma saída positiva e otimista para a humanidade – Marte é o espelho de uma possível sociedade terrena futura no momento em que a Terra realiza sua revolução social –, as distopias projetam saídas céticas e pessimistas, seja do futuro terreno, seja do contato com seres interplanetários, como se só pudéssemos conceber um terrível fim, pela via da autodestruição, e o capitalismo fosse a única forma de nos organizarmos.

Nascido no início do século XX, o gênero da distopia se desenvolveu tendo como pano de fundo duas guerras mundiais e diversas revoluções; ganhou fama nos anos 1990, quando também vinham à baila ideias que anunciavam o fim da história e das utopias, e popularizou-se de vez em nossa época. Também o mundo no alvorecer do século passado parecia colapsar, os acontecimentos testavam o otimismo dos mais convictos e o momento disruptivo produzia pessimismos absolutos. Tanto então quanto agora, o presente se ergue feito monstro, disposto a condenar o otimista do futuro ao mais inócuo nirvana civil. Bogdánov foge dessa lógica ao apontar uma saída positiva, fazendo de sua utopia uma antidistopia.

O mundo de *Estrela vermelha* não é um simples esforço imaginativo de como nossa sociedade poderia ser outra, diferente, mais justa e igualitária, distinta desta que sacrifica milhares de vidas humanas em

*image
not
available*

questão da composição da matéria – nem os literários: escrevia para revistas infantis, o que me dava meios de sobrevivência. Ao mesmo tempo, eu amava... ou tinha a impressão de que estava amando.

Seu nome no partido era Anna Nikoláievna.

Ela integrava outra corrente de nosso partido, mais moderada. Isso eu atribuía à sua natureza terna e à confusão geral das relações políticas em nosso país; apesar de mais velha que eu, me parecia que ainda não havia se definido muito bem como pessoa. Nisso eu me enganei.

Logo depois de nos aproximarmos, a diferença entre nossas naturezas começou a se manifestar de modo cada vez mais nítido e doloroso para ambos. Pouco a pouco, ela tomou a forma de uma profunda discordância de ideias no que se refere à compreensão do trabalho revolucionário e à compreensão do sentido de nossa própria relação^[1].

Para a revolução, ela tinha ido sob a bandeira do dever e do sacrifício; já eu, sob a bandeira da minha livre vontade. Ao grandioso movimento do proletariado, ela aderiu como uma moralista, que encontra prazer em sua moralidade superior; já eu, como um amoralista, que simplesmente ama a vida, deseja seu florescimento superior e, por isso, ingressa na corrente que encarna o principal caminho da história em direção a esse florescimento. Para Anna Nikoláievna, a ética proletária era sagrada por si só; já eu considerava que se trata de um artefato útil, necessário à classe trabalhadora em sua luta, porém transitório, assim como essa própria luta e o modo de vida que a engendrou. Na opinião de Anna Nikoláievna, na sociedade socialista, era possível prever apenas a transformação da moral de classe do proletariado em universal; já eu acreditava que o proletariado caminhava para a eliminação de qualquer moral e que o sentimento social que faz com que as pessoas se tornem camaradas no trabalho, na alegria e no sofrimento se desenvolverá em completa liberdade somente quando se despir do invólucro fetichista de moralidade. E dessas divergências nasciam, muitas vezes, contradições na avaliação dos fatos políticos e sociais, contradições estas, pelo visto, impossíveis de serem conciliadas.

*image
not
available*

Fiz um aceno silencioso. Ele continuou:

– Nesse trabalho, há uma observação que me é de particular interesse. Você expressa ali a hipótese de que a teoria elétrica da matéria, ao representar, necessariamente, a força de gravidade como sendo derivada das forças elétricas de atração e de repulsão, deve resultar na descoberta da força gravitacional como polo oposto, ou seja, a obtenção de um tipo de matéria que é repelido, e não atraído pela Terra, pelo Sol e por outros corpos celestes que conhecemos; você indicou como comparação a repulsão diamagnética dos corpos e a repulsão das correntes paralelas de direções distintas. Tudo isso é dito de passagem, mas eu acho que você confere a isso uma importância muito maior do que quis revelar.

– Você tem razão – respondi –, e acho que é justamente por esse caminho que a humanidade resolverá tanto a questão de um trânsito aéreo bastante livre quanto a questão da comunicação entre os planetas. Independentemente de essa ideia ser correta ou não, ela será totalmente inútil enquanto não surgir uma teoria precisa sobre a matéria e a gravidade. Ainda que exista outro tipo de matéria, pelo visto, não será tão simples assim encontrá-lo: em consequência da força de repulsão, já foi há muito tempo eliminado do Sistema Solar; ou – o que é ainda mais provável – nem sequer fez parte de sua composição quando este começou a se organizar como uma nebulosa. Quer dizer, esse tipo de matéria ainda precisa ser construído na teoria e, depois, reproduzido na prática. Neste momento, não há dados para isso e, em essência, é possível apenas vislumbrar a tarefa.

– No entanto, essa tarefa já foi resolvida – disse Menny.

Olhei-o com espanto. Seu rosto continuava imóvel como de costume, mas no tom de sua voz havia algo que não permitia considerá-lo um charlatão.

“Talvez ele seja louco”, passou por minha cabeça.

– Não tenho necessidade de enganá-lo, e sei bem o que estou dizendo – disse ele em resposta a meu pensamento. – Ouça-me com paciência e, se for preciso, darei as provas.

*image
not
available*

muito mais útil com meus novos contatos, conhecimentos e meios. Tomei minha decisão.

– Quando é que devo partir?

– Agora, comigo.

– O senhor me daria duas horas para informar os camaradas? Eles precisam me substituir na regional amanhã mesmo.

– Isso já está quase feito. Hoje chegou Andrei, foragido do sul. Eu o avisei que você poderia estar para partir, e ele está pronto para ocupar seu lugar. Enquanto esperava por você, escrevi a ele, caso fosse preciso, uma carta com as instruções necessárias. Podemos levar-lhe essa carta no caminho.

Não havia mais o que discutir. Eu, depressa, destruí a papelada dispensável, escrevi um bilhete para a senhoria e comecei a me vestir. Menny já estava pronto.

– Então, vamos. A partir de agora, sou seu prisioneiro.

– Você é meu camarada – respondeu Menny.

3. A noite

O apartamento de Menny ocupava todo o quinto andar de um edifício grande que se erguia isolado em meio às casas pequeninas de um dos subúrbios da capital. Ninguém nos recebeu. Os cômodos pelos quais passamos estavam vazios, e, à luz brilhante das lâmpadas elétricas, esse vazio parecia especialmente sombrio e antinatural. No terceiro cômodo, Menny parou.

– Bem aqui – ele apontou para a porta do quarto cômodo – está o barquinho aéreo, no qual iremos até a grande ersonave. Mas, antes, devo me submeter a uma pequena transformação. Com esta máscara, fica difícil pilotar a gôndola.

Ele desabotoou o colarinho e tirou junto com os óculos aquela máscara confeccionada de modo surpreendente que eu, até então, como todos os demais, tomara por seu rosto. Fiquei espantado com o que vi. Seus olhos eram monstruosamente enormes, como olhos humanos

*image
not
available*

Uma terna luz azul preenchia meu quarto. Sentado na cama junto a mim, inclinava-se em minha direção... Menny? Sim, era ele, mas fantasmagórico e estranho como se fosse outro: parecia ter ficado muito menor, e seus olhos não sobressaíam de forma tão nítida no rosto, sua expressão era suave e bondosa, e não fria e implacável como há pouco, na beira do abismo...

– Como você é bom... – pronunciei, percebendo vagamente essa mudança.

Ele sorriu e pousou a mão em minha testa. Era uma mão pequena e macia. Novamente, fechei os olhos e, com o pensamento absurdo de que precisava beijar essa mão, me entreguei a um sono tranquilo e feliz.

4. A explicação

Quando acordei e iluminei o quarto, o relógio mostrava dez horas. Ao terminar minha toalete, apertei o botão da campainha, e em um minuto Menny entrou no quarto.

– Partiremos logo? – perguntei.

– Em uma hora – respondeu Menny.

– Foi você que passou no meu quarto esta noite ou foi apenas um sonho?

– Não, não era um sonho, mas quem passou não fui eu, e sim nosso jovem médico, Netty. Você dormiu mal, teve um sono agitado, e ele precisou adormecê-lo com luz azul e hipnose.

– É seu irmão?

– Não – disse Menny sorrindo.

– Você até agora não me disse qual é sua nacionalidade... Seus outros camaradas são do mesmo tipo que você?

– Sim – respondeu Menny.

– Então você me enganou – eu disse bruscamente. – Não é uma sociedade científica, mas algo diferente.

– Sim – respondeu Menny com calma. – Todos nós somos habitantes de outro planeta, espécimes de outra humanidade. Somos

*image
not
available*

A vidraça da janela começava do chão, compondo com ele um ângulo obtuso, e seguia conforme a direção da superfície esférica da eteronave, da qual fazia parte. Graças a isso, poderíamos, ao nos inclinar para a frente, ver também aquilo que estava abaixo de nós.

Estávamos nos afastando cada vez mais rápido da Terra, e o horizonte se expandia. As manchas escuras dos penhascos e das aldeias diminuía, e o contorno dos lagos desenhava-se como num mapa. Já o céu, tornava-se mais escuro; e no momento em que a linha azul do mar degelado preencheu o lado oeste do horizonte, meus olhos já começaram a distinguir as estrelas mais brilhantes à luz do sol do meio-dia.

O movimento de rotação muito vagaroso da eteronave em torno de seu eixo vertical nos permitia ver todo o espaço ao redor.

Pareceu-nos que o horizonte se elevava conosco, e a área da Terra sob nós dava a impressão de um enorme pires côncavo com decoração em relevo. Seus contornos tornavam-se mais miúdos, toda a paisagem assumia cada vez mais o caráter de um mapa geográfico com traços nítidos no centro e vagos e opacos nas bordas, onde tudo se encobria com uma névoa azulada translúcida. Já o céu fez-se completamente negro, e as inúmeras estrelas, até as mais pequeninas, cintilavam com uma luz calma, estável, sem medo do Sol brilhante, cujos raios se tornaram de tal modo ardentes que chegava a doer.

– Diga, Menny, essa aceleração de dois centímetros, com a qual agora nos movimentamos, vai continuar durante toda a jornada?

– Sim – respondeu ele –, só que sua direção será alterada, mais ou menos na metade do caminho, para a reversa, e a velocidade, então, não vai aumentar, e sim diminuir a cada segundo na mesma grandeza. Desse modo, embora a velocidade máxima da eteronave seja de 50 quilômetros por segundo, e a velocidade média de cerca de 25 quilômetros, no momento da chegada será tão baixa quanto no início da jornada, e nós, sem qualquer impulso ou tranco, pousaremos na superfície de Marte. Sem essas enormes variações de velocidade, não poderíamos chegar nem na Terra nem em Vênus, porque até essas distâncias mais próximas – de

*image
not
available*

separada por divisórias em cinco salas – uma central e quatro laterais. No meio da sala central, elevava-se a máquina propulsora e, a seu redor, nos quatros lados, tinham sido feitas no chão janelas redondas de vidro, uma de cristal puro e três vitrais de cores diferentes; os vidros tinham três centímetros de espessura e uma transparência surpreendente. Naquele exato momento, podíamos ver através deles apenas uma porção da superfície terrestre.

A parte principal da máquina era composta por um cilindro metálico vertical de três metros de altura e de meio metro de diâmetro, feito, como Menny me explicou, de ósmio – um metal nobre, muito refratário, semelhante à platina; nesse cilindro, ocorria o decaimento da matéria irradiante; as paredes incandescentes, de vinte centímetros de espessura, davam um claro testemunho da energia gerada pelo processo. E, contudo, a sala não estava muito quente: o cilindro era todo envolto por um estojo duas vezes mais largo feito de algum tipo de substância transparente, que fornecia uma proteção perfeita contra o calor; na parte superior, esse estojo se conectava à tubulação pela qual o ar aquecido era drenado em todas as direções, garantindo o “aquecimento” uniforme da eteronave.

As demais partes do propulsor, conectadas de diferentes maneiras ao cilindro – as bobinas elétricas, as baterias, os indicadores com quadrantes etc. –, estavam posicionadas a seu redor em uma bela ordem, e o maquinista de plantão, graças ao sistema de espelhos, via todas de uma só vez, sem sair de sua poltrona.

Das salas laterais, uma era a “astronômica”, à sua direita e à sua esquerda encontravam-se as salas “da água” e “do oxigênio”, e do lado oposto, uma “de cálculos”. Na sala astronômica, o chão e a parede externa eram inteiros de cristal, um material de pureza ideal, polido geometricamente. Sua transparência era tal que, quando eu, seguindo Menny pelas passarelas, ousei olhar diretamente para baixo, não vi absolutamente nada entre mim e o precipício que se abria embaixo de nós: tive de fechar os olhos para interromper a vertigem torturante. Eu

*image
not
available*

exterior, descia obliquamente até o chão. Junto ao teto, localizavam-se os grandes reservatórios da “matéria-menos”, cuja repulsão deveria paralisar o peso de toda a eteronave.

Os andares intermediários – o terceiro e o segundo – estavam ocupados com salões de uso comum, laboratórios de alguns membros da expedição, suas cabines, banheiros, biblioteca, sala de ginástica etc.

A cabine de Netty ficava próxima à minha.

7. As pessoas

A falta de gravidade se fazia sentir cada vez mais. A crescente sensação de leveza deixou de ser algo agradável. A ela se juntou o elemento da insegurança e uma vaga preocupação. Fui ao meu quarto e me deitei no leito.

Cerca de duas horas em posição tranquila e em meio a intensas reflexões levaram-me a adormecer sem que eu notasse. Quando acordei, em meu quarto, junto à mesa, estava sentado Netty. Em um movimento involuntariamente brusco, levantei-me da cama e, como se tivesse sido atirado para o alto, bati com a cabeça no teto.

– Quando se pesa menos de vinte libras^[10], é preciso tomar cuidado – observou Netty em um tom filosófico e bem-humorado.

Viera até mim com o propósito especial de dar todas as instruções necessárias para o caso de eu sentir o “mal do mar”, o que eu já havia começado a experimentar em razão da falta de gravidade. Na cabine, havia uma campainha especial para o quarto dele, com a qual eu podia sempre chamá-lo se sua ajuda ainda fosse necessária.

Aproveitei a oportunidade para travar conversa com o jovem médico – eu me sentia involuntariamente atraído por esse garoto simpático, muito instruído, mas também muito alegre. Perguntei-lhe por que, de toda a equipe de marcianos da eteronave, apenas ele, além de Menny, dominava minha língua nativa.

– É muito simples – explicou ele. – Quando *procurávamos por uma pessoa*, Menny escolheu a si mesmo e a mim para seu país, e nós

*image
not
available*

– Sim, se você quer insistir em medir e comparar as pessoas. Sterny é um eminente cientista, embora de maneira completamente distinta da de Menny. Matemáticos como ele há pouquíssimos. Ele descobriu uma série inteira de erros nos cálculos com base nos quais haviam sido organizadas todas as expedições anteriores à Terra. E demonstrou que alguns desses erros, por si só, seriam suficientes para a morte da missão e dos trabalhadores. Ele encontrou novos métodos para fazer esses cálculos, e até agora os resultados obtidos por ele se mostraram infalíveis.

– Foi isso mesmo que imaginei, com base nas palavras de Menny e em minhas impressões. Entretanto, eu mesmo não entendo por que a aparência dele causa em mim um sentimento de ansiedade, um tipo de preocupação vaga, algo como uma antipatia gratuita. Será que você, doutor, teria uma explicação para isso?

– Acontece que Sterny tem uma mente muito poderosa, mas fria e, sobretudo, analítica. Ele decompõe tudo, sem piedade e de maneira consequente, e suas conclusões, em muitos casos, são unilaterais, às vezes severas demais, porque a análise das partes não dá o todo, e sim algo menor que o todo: você sabe que em qualquer lugar onde há vida o todo é maior que a soma de suas partes, assim como um corpo humano vivo é maior que o montante de seus membros. Por isso, Sterny é menos capaz que os demais de entrar no humor e no pensamento dos outros. Ele sempre ajudará de bom grado naquilo que você demandar dele, mas nunca adivinhará por conta própria do que você precisa. É claro que o que também complica é que sua atenção é quase sempre absorvida pelo seu trabalho, sua cabeça está volta e meia ocupada com alguma tarefa difícil. Nisso, ele não se parece com Menny: este sempre enxerga tudo ao redor e mais de uma vez soube explicar até para mim mesmo o que eu queria, o que me preocupava, o que minha mente ou meu sentimento buscavam.

– Se tudo isso é verdade, Sterny deve tratar a nós, terráqueos, cheios de contradições e defeitos, de modo bastante hostil?

*image
not
available*

mais importante a diferença entre os objetos que existem e aqueles que já deixaram de existir ou aqueles que ainda devem surgir. Na língua de vocês, “*dom*” [casa] é “homem”, mas “*lodka*” [barco] é “mulher”^[12], já em francês é o contrário e isso não muda nada. Mas quando vocês falam de uma casa que já queimou ou que ainda pretendem construir, usam a palavra da mesma forma com que falam sobre a casa em que moram. Haveria na natureza uma diferença maior entre uma pessoa que vive e uma pessoa que já morreu; entre aquilo que existe e aquilo que não existe? Vocês precisam de palavras e frases inteiras para designar essa diferença, mas não seria melhor expressá-la acrescentando uma letra à própria palavra?

Em todo caso, Netty estava satisfeito com minha memória, seu método de ensino era excelente, e o processo avançava com rapidez. Isso me ajudou a me aproximar dos marcianos – comecei a transitar com cada vez mais confiança por toda a eteronave, entrando nas salas e nos laboratórios de meus companheiros, fazendo-lhes perguntas sobre tudo que me despertasse curiosidade.

O jovem astrônomo Enno, ajudante de Sterny, vivo e alegre, também quase um menino, a se julgar pela idade, me mostrou uma porção de coisas interessantes, e claramente se entusiasmava nem tanto com as medições e fórmulas – nas quais, contudo, era um verdadeiro mestre – quanto com a beleza do observado. Minha alma ficava leve com o jovem astrônomo-poeta; e o desejo legítimo de me orientar em nossa situação em meio à natureza era para mim um motivo constante para passar algum tempo com Enno e seus telescópios.

Certa vez, Enno me mostrou, em uma aproximação poderosa, o minúsculo planeta Eros, cuja órbita cruza em parte os caminhos da Terra e de Marte e continua para além de Marte, passando para a região dos asteroides. Embora, nesse momento, Eros se encontrasse a 150 milhões de quilômetros de nós, a fotografia de seu pequeno disco formava, no campo de visão do microscópio, um mapa geográfico completo, semelhante aos mapas da Lua. Um planeta sem vida, claro, como a Lua.

*image
not
available*

Durante alguns dias após a catástrofe, Netty não saía de sua cabine, e eu comecei a notar nos olhos de Sternny uma expressão que, às vezes, chegava a ser diretamente hostil. Sem dúvida, por minha causa, um cientista notável havia morrido, e a mente matemática de Sternny não podia deixar de comparar a grandeza do valor daquela vida que fora perdida à daquela que fora salva. Menny permanecia sempre equilibrado e tranquilo, e até mesmo duplicou sua atenção e preocupação para comigo; da mesma forma se comportavam Enno e os demais.

Continuei meus estudos intensos da língua dos marcianos e, na primeira ocasião conveniente, fiz a Menny um pedido para que me emprestasse algum livro sobre a história da sua humanidade. Menny considerou minha ideia muito feliz e me trouxe um manual no qual se narrava de maneira popular, para as crianças marcianas, a história universal.

Comecei, com a ajuda de Netty, a ler e traduzir o livrinho. Fiquei espantado diante da arte por meio da qual o autor desconhecido avivava e concretizava com ilustrações os conceitos e esquemas mais ordinários e, à primeira vista, abstratos. Essa arte lhe permitia conduzir a narração em um sistema tão geometricamente harmonioso, e em uma sequência tão logicamente ordenada, com que nenhum de nossos divulgadores científicos terráqueos teria coragem de escrever às crianças.

O primeiro capítulo tinha um caráter filosófico direto e dedicava-se à ideia do Universo como um Todo Único, que tudo em si encerra e tudo por si define. Esse capítulo me lembrou de imediato a obra daquele operário-pensador que foi o primeiro a expor, de forma simples e ingênua, os fundamentos da filosofia proletária da natureza.

No capítulo seguinte, a narrativa se voltava àquele tempo imensamente distante quando no universo não havia ainda surgido nenhuma das formas conhecidas por nós, quando o caos e a indeterminação reinavam no espaço infinito. O autor contava como se isolaram nesse meio as primeiras aglomerações disformes de uma matéria imperceptivelmente fina e quimicamente indefinida; essas aglomerações

*image
not
available*

com o mundo terráqueo era enorme. As mesmas formas da vida tribal, a mesma existência isolada de diferentes comunidades, o mesmo desenvolvimento de comunicação entre elas por meio de trocas. Mais além, no entanto, iniciaram-se as distinções, ainda que não na principal direção do desenvolvimento e, mais precisamente, em seu estilo e caráter.

O curso da história em Marte foi, de certa forma, mais suave e simples que na Terra. Houve, é claro, guerras entre as tribos e os povos, houve também a luta de classes; mas as guerras desempenharam um papel relativamente pequeno na vida histórica e cessaram por completo relativamente cedo; já a luta de classes manifestou-se menos e mais raramente na forma dos embates da força bruta. É verdade que isso não era apontado diretamente no livro que li, mas ficou evidente para mim a partir de toda a apresentação feita.

A escravidão era absolutamente desconhecida aos marcianos; seu feudalismo foi muito pouco militarizado; e seu capitalismo se libertou muito cedo da fragmentação em Estados-nações, não tendo criado nada semelhante a nossos exércitos modernos.

A explicação para tudo isso, tive que buscar eu mesmo: os marcianos, e até o próprio Menny, ainda estavam começando a estudar a história da humanidade terráquea e não tinham tido tempo de realizar um estudo comparativo entre o passado deles e o nosso^[14].

Lembrei-me de uma das conversas anteriores com Menny. Ao me preparar para estudar a língua na qual falavam entre si meus companheiros, tive a curiosidade de saber se era a mais difundida entre todas as que existiam em Marte. Menny explicou que era a única língua literária e coloquial comum a todos os marcianos.

– Outrora, também entre nós – acrescentou Menny – as pessoas dos diferentes países não compreendiam umas às outras; mas isso já faz tempo, foi há algumas centenas de anos antes da virada socialista, todos os dialetos distintos se aproximaram e se fundiram em uma única língua comum. Tudo isso ocorreu de forma livre e espontânea: ninguém se esforçou e ninguém pensou sobre isso. Por muito tempo ainda se

*image
not
available*

e apenas em casos raros e em poucos lugares, quase excepcionalmente nas regiões agrícolas, chegava-se às revoltas. Passo a passo, os proprietários recuavam diante do inevitável, e mesmo quando o poder do Estado passou às mãos do partido operário, o lado dos vencidos não apresentou tentativas de defender sua causa por meio da violência.

A restituição, no sentido exato dessa palavra, não foi aplicada durante a socialização dos meios de produção. Porém, os capitalistas, inicialmente, recebiam pensões. Muitos deles desempenharam um papel de destaque na organização das empresas sociais. Não era fácil superar a dificuldade de distribuição das forças de trabalho de acordo com a inclinação dos próprios trabalhadores. Durante cerca de uma centena de anos existiu a jornada de trabalho obrigatória a todos – exceto aos capitalistas pensionistas –, que, no início, era de aproximadamente seis horas, diminuindo gradualmente. Entretanto, o progresso da tecnologia e o cálculo preciso do trabalho livre ajudaram na eliminação desses últimos resquícios do velho sistema.

Todo o quadro da evolução equilibrada da sociedade, não encharcado inteiramente, como entre nós, por fogo e sangue, causou-me um sentimento involuntário de inveja. Conversei com Netty sobre isso, quando terminávamos de ler o livro.

– Não sei – disse-me o jovem pensativo –, mas me parece que você não tem razão. As contradições, na Terra, são mais aguçadas, isso é verdade; mas a sua natureza é mais generosa em distribuir os golpes e a morte que a nossa. Talvez, porém, isso ocorra justamente porque as riquezas da natureza terráquea desde o início eram incomparavelmente maiores, e o Sol lhe dá muito mais da sua força vital. Veja quantos milhões de anos o nosso planeta é mais antigo, mas a nossa humanidade surgiu apenas algumas dezenas de milhares de anos antes da de vocês, e agora caminha à frente dela no que diz respeito a seu desenvolvimento em duas ou três centenas de anos. Para mim, essas humanidades são como duas irmãs. A mais velha tem a natureza tranquila e equilibrada, a mais nova é tempestuosa e impulsiva. A irmã mais nova emprega suas

*image
not
available*

- [7] Referência a *vis viva*: na história da ciência, expressão em latim para designar uma das teorias da conservação de energia.
- [8] Referência à Companhia de Vapores do Norte [Северное пароходное общество / *Siévernoie Parakhódnoie Óbschestvo*, uma das maiores companhias de navegação da época pré-revolucionária, com sede em São Petersburgo.
- [9] Giovanni Virginio Schiaparelli (1835-1910) foi um astrônomo italiano que concebeu o primeiro mapa de Marte e popularizou a existência de canais em sua superfície – que, mais tarde, por um erro de tradução, interpretou-se como a existência de “canais artificiais”. Nos anos 1960, provou-se que se tratava de ilusão de óptica.
- [10] Medida de massa no Império Russo, uma libra (фунт / *funt*, em russo) equivale a aproximadamente meio quilograma. Essa medida foi abolida por decreto de Vladímir Lênin em 1918 e substituída pelo padrão métrico.
- [11] Em russo, são três os gêneros gramaticais.
- [12] O autor se refere aqui à língua russa; por essa razão, optou-se por manter as formas no original.
- [13] Referência à teoria ou hipótese nebular, sugerida em 1755 pelo filósofo prussiano Immanuel Kant (1724-1804) e desenvolvida em 1796 pelo matemático francês Pierre-Simon Laplace (1749-1827) no livro *Exposition du système du monde* [Exposição do sistema do mundo]. Segundo ela, o Sistema Solar teria se originado há cerca de 4,6 bilhões de anos a partir de uma vasta nuvem de gás e poeira – uma nebulosa.
- [14] O trecho que se inicia aqui e vai até o fim do capítulo foi suprimido das edições soviéticas posteriores.